

INDISCIPLINA OU TRANSGRESSÃO: AS CONTRADIÇÕES DO DISCURSO HEGEMÔNICO NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE ALAGOINHAS (BA)

Francinéia Santana de Oliveira¹

Resumo: Este texto tem como propósito apresentar a problemática do projeto de pesquisa, cujo título é “Indisciplina ou Transgressão: As contribuições do discurso hegemônico na relação professor-aluno em uma Escola Pública de Alagoinhas (BA)”. A intenção é analisar o discurso do sujeito aluno de uma escola do Ensino Fundamental do município de Alagoinhas (BA), que se contrapõe à estrutura disciplinar da instituição Escola. Para tanto, tomou-se como aporte teórico, no campo da crítica cultural, os estudos de Derrida (2001) que questionam os discursos binários e hierárquicos, propondo uma desconstrução a partir da atividade de inversão e do deslocamento dos discursos; Mignolo (2008) quando ele nos convida à “Desobediência Epistêmica”, a “aprender a desaprender”, a olhar em diversas perspectivas; o pensamento rizomático de Deleuze e Guattari (1997), que tem como princípio as construções discursivas, que podem ser modificadas e ressignificadas a todo tempo; nos estudos de Foucault (2004), por meio dos quais ele analisa as formas de poder que permeiam a sociedade. No campo da pedagogia tomar-se-á como suporte Aquino (1996), que discute o conceito de indisciplina. No que diz respeito à psicologia, o trabalho respaldar-se-á em Skinner (1953/2001), que define o comportamento como o resultado da interação organismo-ambiente, dentre outros teóricos. Desta forma, é possível concluir que o estudo ensejado neste projeto promoverá um repensar (es) sobre o conceito de indisciplina e suas implicações na relação professor-aluno.

Palavras-Chave: Crítica Cultural. Construções discursivas. Discurso hegemônico. Sujeito aluno.

A indisciplina tem se constituído como um dos mais sérios, complexos e desafiadores problemas das escolas brasileiras. Um estudo realizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) mostrou que os professores brasileiros, quando comparados a docentes de várias outras partes do mundo, gastam mais tempo em suas aulas na tentativa de controlar os atos de indisciplina dos alunos que trabalhando os conteúdos.

Algumas teorias justificam que os alunos são indisciplinados por natureza outras afirmam que as circunstâncias os estimulam a assumirem comportamentos desviantes. Acreditando que há, subjacente a estas teorias, outras pistas que fazem com que eclodam na sala de aula apenas os “sintomas” da indisciplina pelos alunos, busco, através desta pesquisa, suporte nos estudos voltados para a Crítica Cultural por entender que há uma controvérsia, entre o que a ciência (o pensamento hegemônico) categoriza e o que o olhar de um pesquisador que se encarregar de lançar um olhar rizomático para a questão desta temática. Sendo a Crítica Cultural um lugar onde os sentidos podem ser múltiplos, cabe investigar as questões relativas à indisciplina que podem estar imbricadas na relação aluno/professor/escola.

¹ Mestranda no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II.

Desta forma, um estudo neste sentido se torna pertinente, uma vez que a indisciplina em sala de aula na maioria das escolas têm sido, sem dúvida, uma das maiores preocupações existentes entre os educadores em todo o Brasil. Os problemas com a indisciplina consistem em uma realidade do cotidiano de quase todas as escolas, seja ela pública ou privada. É muito comum ouvir reclamações de professores quanto aos comportamentos de alguns alunos, que são, muitas vezes, vistos como os responsáveis pela indisciplina. Para muitos profissionais da área de educação esse é o aspecto mais difícil para quem leciona, mesmo alguns professores mais experientes possuem dificuldade em “controlar” uma sala de aula.

É notável que a indisciplina em sala de aula, traz um misto de sentimentos aos docentes, como preocupação, impaciência, indignação, sentimento de incapacidade, entre outros. Muitos professores afirmam que o comportamento apresentado por certos alunos prejudica de forma excessiva o andamento do trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula. Os prejuízos expostos pela maioria consistem em barulhos excessivos, a não realização dos exercícios propostos para a sala ou casa, a desobediência, sem falar que a indisciplina de um aluno pode influenciar aos demais, criando um clima de bagunça total.

A indisciplina escolar é um fenômeno multifacetado, dinâmico que tem modificado suas características ao longo das últimas décadas. Nesta perspectiva, percebe-se que alguns teóricos já se debruçaram sobre esta questão e que pesquisas só avançam a este respeito. Segundo Aquino (1999), “O conceito de indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tampouco universal. Ele se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade”.

As manifestações da indisciplina escolar hoje se diferenciam daquelas observadas em décadas anteriores não apenas pela sua intensidade, mas pela sua complexidade, o que dificulta uma atuação mais efetiva na resolução do problema (AQUINO, 1996b).

A indisciplina escolar apresenta, atualmente, expressões diferentes de tempos atrás. Isso acontece, por exemplo, quando uma turma de alunos, mesmo formada por grupos divergentes entre si, são capazes de se organizar e estabelecerem as mais diversas atitudes indisciplinadas coletivas. Muitas vezes, alunos contestam orientações pedagógicas dos professores ou da escola, evadem as aulas de certo professor ou são capazes de intimidar um professor a ponto de forçar que este abandone a escola.

No entanto, afirmar sem fundamentação, apenas baseado no julgamento moral, nos valores pessoais e no pensamento científico que o problema se origina na atitude dos alunos, sem sequer questionar outras possibilidades para esta ação é no mínimo simplista.

Para o senso comum, a indisciplina se resume ao mal comportamento dos alunos devido à falta de limites em casa ou ao contexto familiar propriamente dito. No entanto, a Psicologia comportamental considera a indisciplina como um produto das relações estabelecidas entre indivíduos e ambiente. Sendo que ambiente é considerado tudo aquilo que afeta o sujeito. Essa abordagem da Psicologia entende que é a partir das consequências de cada comportamento que este pode aumentar ou diminuir a sua frequência.

Por um lado, Skinner (1953/2001), define o comportamento como o resultado da interação organismo-ambiente, só podendo ser entendido a partir da identificação das circunstâncias em que ocorre. Dessa forma, O comportamento é uma unidade interativa que deve ser investigada sistematicamente.

Por outro, Foucault (2004) analisa as formas de poder, a força que uns tem sobre os outros e sobre como o poder permeia toda a sociedade e não é caracterizada apenas por uma classe social, podendo ser praticada por qualquer cidadão (FOUCAULT, 2004). O autor se dedica a compreensão da disciplina, tomando a transformação dos corpos humanos em dóceis e produtivos, ou seja disciplinados.

Neste sentido, Foucault (2004, p. 133) afirma que:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, um manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. [...] A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. [...] Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada.

Assim, Foucault explica que partir da indução ao trabalho a sociedade capitalista institui uma nova maneira de disciplinar os corpos e torná-los obedientes. O autor analisa a disciplina como um posicionamento de obediência do ser humano. Para exemplificar, pode-se observar a maneira como a escola é apresentada ao aluno, geralmente no primeiro dia de aula os docentes estabelecem regras e tudo o que deve ser cumprido por ele. Sendo assim, a escola estigmatiza

Na tentativa de docilização dos corpos, a escola passa a aplicar dispositivos disciplinares os quais apresentam características que devem ser destacados. Uma delas se refere à questão

organizacional de espaço. A própria arquitetura escolar segue esse modelo de adestramento, pois nesse espaço existe uma visibilidade a fim de permitir a observação constante dos comportamentos dos indivíduos.

Entende-se que o ambiente escolar é individualizado, recortado, classificado e finalmente hierarquizado, já que ali há ofícios distintos: o de ensinar e o de aprender. As carteiras são dispostas de forma que todos os aprendentes estejam de frente àquele que é o dono do saber e oferecerá o conhecimento. Mesmo que a disposição da classe seja em círculo, o centro continua sendo o ensinante, fazendo com que fique claro a quem são determinados os papéis escolares.

Para Foucault, “a vigilância hierárquica disciplinar não é um poder que se detém por alguém, não é uma propriedade, é relacional e funciona numa rede de relações de alto a baixo, de baixo ao alto e também lateralmente” (FOUCAULT, 2004, 143-148).

Diante do que foi colocado, questionamos se a indisciplina não poderia se configurar como algo latente no sujeito/aluno? Ou como um sintoma originado na relação professor-aluno? Como a crítica cultural poderia ajudar a pensar a questão da indisciplina?

Este estudo se utilizará da revisão da literatura e do estudo de caso: uma escola pública municipal em uma turma de 7º ou 8º ano do Ensino Fundamental, com histórico de indisciplina atestado pelos professores e direção da escola.

Neste sentido, importa investigar quem são esses sujeitos, quem são os professores que apontam como indisciplinados e por quê? Para tanto, os procedimentos de pesquisa seriam: observação direta e entrevista semiestruturada com alunos e professores, apontando para uma pesquisa descritiva. Esta terá como base os relatos e a observação dos atores: professor e aluno em sala de aula.

Assim, serão utilizados autores da metodologia Crítico-Cultural para investigar as brechas do discurso, as rasuras feitas a partir do método incendiário que consiste em analisar os pormenores mais ignorados, os sinais e pistas. “Ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição” (GINZBURG, 1990, p. 179).

Desta forma, o método indiciário é fundamental para a execução desta pesquisa devido ao seu caráter investigativo que nos estimula a não tomar nada como algo fixo e findável. A partir desse método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais considerados sem importância e triviais, pode-se descobrir o que está subjacente a indisciplina na sala de aula.

Ao mesmo tempo, essa pesquisa terá como embasamento os estudos de Gilles Deleuze e Félix Guattari que rompem com a tradição filosófica da busca pelo que é transcendental no ser como uma essência escondida e unitária para entender o pensamento como uma inter-relação de conceitos que se cruzam e se completam, quando pontuam que a explicação da realidade se dá com uma multiplicidade sem recorrer a uma unidade e a um sujeito constituinte de significado, para se referir as individualidades produzidas pelas transformações incorporais como uma “individuação sem sujeito” (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Assim, conclui-se que esta pesquisa encetada pelo projeto em discussão seguirá uma análise rizomática no tocante ao conceito de indisciplina pelos alunos em sala de aula. O rizoma é o modo de realização do pensamento como uma inter-relação de conceitos. O conceito é múltiplo na sua composição e nas relações que estabelece com outros componentes e conceitos. Assim como as raízes de um bulbo, o pensamento se expande em linhas e “nó” ilimitados. Trata-se, portanto, não da busca de unidades, mas de individualidades.

Busco então com esta pesquisa elaborar um plano de consistência na análise da temática, vislumbrando “a intersecção de todas as formas concretas”, melhor dizendo, é um plano que não tem nada de consistência ou de solidez, pois ele não para de crescer, produzir territórios e desterritorializações, não para de acontecer, de dobrar-se.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa (Org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.

AQUINO, Julio Groppa. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: *Indisciplina na escola*. São Paulo: Summus, 1996.

AQUINO, Julio Groppa. Autoridade docente, autonomia discente uma equação possível e necessária. In: *Autoridade e autonomia na escola*. São Paulo: Summus, 1999.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir — a história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 2004.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

SKINNER, B.F (2001). *Ciência e comportamento Humano*. Trad. J. C. Todorov e R. Azzi. São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1953).

